

CRENÇAS, ATITUDES E REVITALIZAÇÃO: O QUE ACONTECEU COM A LÍNGUA MUNDURUKÚ A PARTIR DAS TRÊS ÚLTIMAS GERAÇÕES

Celso Francês Júnior

Professor de Linguística (UFPA)¹

RESUMO: Este artigo pretende fazer um recorte de um fato sociolinguístico referente a como a comunidade indígena mundurukú do Estado do Amazonas usa a língua, e qual a língua. O que é evidenciado nesta pesquisa é a presença de uso da língua portuguesa como língua de comunicação diária por parte desta comunidade. A partir dos referenciais teóricos de autores da sociolinguística e da psicologia social, nos quais este trabalho se estrutura e para ter um suporte de cunho adequadamente científico, pretende-se entender a relação dos componentes da atitude linguística com o processo de revitalização. A metodologia adotada é de cunho quantitativo e o corpus da pesquisa foi coletado a partir da realização de entrevistas sistematizada por questionário. O interesse desta pesquisa centra-se na atitude que o povo mundurukú do Amazonas assume no uso da língua que aprenderam e na língua que virão a aprender como forma de resgate de sua identidade. Então se procurou entender como a atitude, positiva ou negativa, e nos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais podem determinar o futuro de um processo de revitalização e, principalmente, o que determinou a mudança de escolha do mundurukú para o português a partir das três últimas gerações dos colaboradores da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Revitalização. Crenças. Atitude Linguística. Comunidade mundurukú.

ABSTRACT: This article aims to make a cut of a sociolinguistic fact regarding how and what language the indigenous community Mundurukú of Amazonas State uses. What is evident in this research is the daily use of Portuguese language as a means of communication in that community. From the theoretical references of authors of sociolinguistics and social psychology which that work is based on and to have a scientific support, one intend to comprehend the relation between the components of linguistic attitude and the revitalization process. The adopted methodology is that of the quantitative characteristic and the research corpus was collected from the systematized interviews through questionnaire. The interest of that research focuses on the attitude which the Mudurukú folk of Amazonas takes on as for the use of the language which they learned and the language they will learn as a way of recovering their identity. That way, one tried to comprehend how the attitude, positive or negative, and the affective, behavioral, and cognitive components can determine the future of a revitalization process and mainly what determined the changing of the choice of the Mundurukú folk to the Portuguese language from the last three generations of the collaborators of the research.

KEYWORD: Revitalization. Beliefs. Linguistic Attitude. Mundurukú Community.

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo comunidades indígenas do Brasil sofreram com o processo de colonização, gerado pelos portugueses que aqui estiveram. Tudo isso ocasionou quase a extinção de muitas culturas indígenas que existiam nas terras brasileiras. A questão do desaparecimento das línguas vem chamando a atenção de especialistas há muito tempo e a situação das línguas existentes no Brasil é ainda mais preocupante no tocante à necessidade de manutenção e revitalização. Na sociedade minoritária, onde geralmente há a presença de mais de uma língua, o povo tende a

¹ celsofrancês@ufpa.br

privilegiar uma apenas e isso provavelmente deriva de algum tipo de pressão externa por conta das interações sociais dos povos. Segundo Rodrigues (2008, p. 37):

Hoje são faladas na Amazônia cerca de 250 línguas indígenas, sendo que cerca de 150 em território brasileiro. Embora aparentemente altos, esses números são o resultado de um processo histórico – a colonização européia da Amazônia – que reduziu drasticamente a população indígena nos últimos 400 anos. Estima-se que, só na Amazônia brasileira, o número de línguas e de povos teria sido de uns 700 imediatamente antes da penetração dos portugueses (cf. Rodrigues 2001). Apesar da extraordinária redução quantitativa, as línguas ainda existentes apresentam considerável diversidade, caracterizando a Amazônia como uma das regiões de maior diferenciação lingüística do mundo, com mais de 50 famílias lingüísticas. (RODRIGUES, 2008, p. 37)

Provavelmente são vários os fatores que exercem pressão sobre comunidades minoritárias indígenas no Brasil, que apresentam mais de uma língua em uso, e que ao longo do tempo acabam privilegiando a língua ensinada na escola, ou seja, o português. A possível entrada, nas comunidades indígenas, de uma educação despreparada e sem planejamento contribuiu para tal perda lingüística. A intervenção opressiva da escola que obrigava os índios a aprenderem a língua portuguesa desencadeou uma atitude negativa quanto à língua nativa das populações indígenas, contribuindo cada vez mais, desta forma, para que menos indivíduos indígenas falassem sua língua de cultura. Ou seja, as línguas indígenas no Brasil entraram num processo de extinção porque seus falantes deixaram de falar a língua nativa.

Um exemplo desse quadro é a língua mundurukú, antigamente falada na terra indígena Kwatá-Laranjal no estado do Amazonas. Percebe-se que o processo de desaparecimento dessa língua encontra-se em um estágio alarmante, possuindo um número bastante reduzido de falantes, o qual, segundo Borella e Santos (2011), são apenas cinco indivíduos que não leem e nem escrevem. O uso diário da língua portuguesa é exclusivo na comunidade toda, ou seja, a língua deste povo já não faz parte do rol de suas atividades cotidianas nem culturais. Situação que preocupa, pois a morte desses falantes pode representar completa extinção da língua nesta comunidade. Iniciativas de revitalização podem proporcionar o resgate deste patrimônio cultural tão importante para a identidade de um povo.

O povo mundurukú quer e necessita resgatar sua língua nativa, mas sua atitude em relação a ela ainda apresenta contradições que inviabiliza tal ação. Resgatar a língua é recompor parte de sua identidade, o qual é traço definidor de cultura (AGUILERA, 2008), e o povo da comunidade mundurukú do Kwatá-laranjal justifica o anseio deste resgate por considerar que sua identidade como povo indígena mundurukú só será completa com a presença da língua.

A falta deste elemento identificador na cultura mundurukú acaba criando estereótipos preconceituosos e que afetam as relações fora das comunidades indígenas. Nesta pesquisa, criou-se a hipótese que o resgate, que se quer fazer da língua, é motivado pela ideia que existe dentro da comunidade, onde os indivíduos, que de lá pertencem, só serão considerados pela sociedade

majoritária como “índios” se falarem a língua que dá nome ao seu povo. Calvet (2002, p. 65) diz que a relação da língua e seu falante não é neutra, “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”. A verdade é que por conta disso as pessoas são julgadas pelo seu modo diferente de falar e isso não poderia ser diferente com as comunidades indígenas. Por outro lado, a atitude linguística adotada por esta comunidade, o qual o uso da língua portuguesa foi eleito a variante de prestígio, geradas por pressões externas, desencadeou sentimentos de preconceito pelo não uso da língua materna – o mundurukú.

2 A COMUNIDADE MUNDURUKÚ DO KWATÁ-LARANJAL E SUA LÍNGUA

A população indígena mundurukú está distribuída em três estados do Brasil: na região do rio Tapajós, no estado do Pará, no estado do Amazonas, na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, no município de Borba-AM, e na Terra Indígena Apiaká, município de Juara, MT (MENDES, 2007, p. 16). Porém, nossos estudos estão centrados nas comunidades que habitam os Estados do Amazonas e Pará, pois são delas os colaboradores que participam de nossa pesquisa.

O mundurukú, juntamente com o kuruáya, é uma língua que pertence ao tronco tupí e juntos formam a família linguística mundurukú. Os falantes da língua mundurukú estão distribuídos por três comunidades indígenas habitantes dos estados do Mato Grosso, Amazonas e Pará. Segundo Picanço, em 2012, as duas áreas de maior concentração de indivíduos por vilas é na comunidade Kwatá-Laranjal, localizada na cidade de Borba, no estado do Amazonas, e a outra é os *Mundurukú* das Terras Indígenas *Sai Cinza*, em Jacareacanga, no estado vizinho do Pará. Neste trabalho, referir-se-á a tais comunidades como os “mundurukú do Amazonas” e os “mundurukú do Pará”.

A situação linguística do grupo residente no Amazonas é preocupante, pois a língua nativa já se encontra num estágio avançado de desaparecimento. Borella e Santos (2011), num levantamento sociolinguístico do povo mundurukú, afirmam ter apenas cinco falantes da língua mundurukú, dos quais nenhum lê ou escreve a língua. Embora encontremos um número bastante reduzido de indivíduos que falam a língua mundurukú nessa região, entendemos que a maioria daqueles que não dominam mais a língua de cultura, pretendem, ou melhor, manifestam interesse em resgatar o mundurukú. Mesmo não falando mais a língua a maior parte da comunidade aparenta ter uma atitude positiva em relação à retomada do uso da língua mundurukú.

Considerando os aspectos relacionados ao processo de extinção linguística na qual a comunidade mundurukú do Estado do Amazonas está inserida, e o desejo eminente de resgate linguístico/cultural, tal pesquisa procura evidenciar, a partir da observação direta, como esta comunidade pretende resgatar sua língua nativa; como o projeto de formação pode contribuir para

este resgate; e, que tipo de atitude tal comunidade vai assumir para alcançar este fim. O resultado deste estudo pode servir como experiência para futuros trabalhos sobre revitalização de língua indígenas no Brasil e subsidiar eventuais políticas voltadas para línguas ameaçadas. Pode, também, comprovar a importância da atitude linguística para se estudar a revitalização de línguas, já que tal tema é o ponto chave desta pesquisa.

3 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

O presente trabalho de pesquisa pretende fazer um recorte de um fato sociolinguístico referente à manifestação de como a comunidade indígena Mundurukú do estado do Amazonas usa a língua de mesmo nome, se ainda usa, e se pretende usar. Por outro lado, o que é evidenciado nesta pesquisa é a presença de uso da língua portuguesa como língua de comunicação diária por parte desta comunidade. A partir dos referenciais teóricos de autores da sociolinguística e da psicologia social a partir dos quais este trabalho se estrutura e para ter um suporte de cunho adequadamente científico, pretende-se entender a relação dos componentes da atitude linguística com o processo de revitalização.

Entender a possibilidade de uma língua poder ser revitalizada a partir do ensino/aprendizagem daquela que fez parte de sua cultura é um dos objetivos desta pesquisa. No entanto, isso só será possível se for entendido que tipo de atitude os indivíduos manifestam na relação com a língua que usam e com a língua que se perdeu. Desse modo, as escolhas de uso, de apreço ou desprezo, de aceitação ou não, por fim, as crenças dos indivíduos podem determinar as atitudes linguísticas desta comunidade e se esta atitude é favorável à revitalização da língua.

Nos últimos anos surgiram grandes movimentos interessados em revitalizar línguas em perigo de extinção, e, no Brasil, este interesse se intensifica pela necessidade de se recuperar e preservar nossa cultura linguística de nossa terra. Por outro lado, a tarefa de documentação das línguas minoritárias e em perigo de extinção é muito onerosa e difícil em lugares onde não se há política que viabilizem este trabalho.

A atitude linguística é uma manifestação social que os indivíduos apresentam e que se refere à língua no uso e o que fazem dela nas relações sociais. A língua funciona com instrumento transmissor de significados sociais, valores, normas e marcas culturais. Ela constrói a identidade e fortalece a cultura de um povo. Dessa forma, pode-se pensar na relação de língua e identidade e que esta se manifesta nas atitudes dos indivíduos com a língua e nas relações com os usuários dessa língua. A relação entre língua e identidade é tão estreita que não se pode deixar de pensar em identidade étnica.

La identidad es aquello que permite diferenciar un grupo de outro, una etnia de outra, un pueblo de outro. Hay dos maneras elementales de definir una identidad: bien de forma objetiva, caracterizando la por las instituciones que la componen y las pautas culturales que le dan personalidad, bien de forma subjetiva, anteponiendo el sentimiento de comunidad compartido por todos sus miembros y la idea de diferenciación respecto de los demás. (FERNÁNDEZ, 1998, p.180).

As variedades de uma língua podem ser elemento definidor da identidade. As atitudes de grupos com cultura e identidade determinada são, em parte, atitudes sobre variedades linguísticas usadas nestes grupos pelos usuários desta língua. As atitudes linguísticas são reflexos de atitudes psicossociais, pois a língua possui significado e conotações sociais. Por isso é muito difícil compreender onde começa a atitude de uma variedade e onde termina a atitude de grupos sociais ou usuários dessa variedade.

H. Giles e seus colaboradores (apud FERNÁNDEZ, 1998) propõem duas hipóteses sobre esta questão: a hipótese do *valor inerente* que estabelece a possibilidade de comparar duas variedades e de que uma delas seja considerada mais atrativa que a outra; e a hipótese da *norma imposta*, que sustenta que uma variedade pode ser valorizada por si mesma como mais atrativa que a outra se for falada por um grupo com maior prestígio. A investigação de Giles confirma a segunda hipótese, demonstrando que uma mesma variedade pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas dependendo da valorização que os grupos de falas fazem.

A atitude linguística é conceituada como uma manifestação de preferência e uma convenção social acerca do status de prestígio do falante em relação à sua língua. Nesse sentido, são os grupos sociais de maior prestígio e mais poderosos economicamente que determinam o padrão da atitude linguística das comunidades de fala. Por conta disso, a atitude é geralmente positiva se os falantes tiverem maior prestígio e posição social elevada. Por outro lado, pode-se encontrar falantes de variedades linguísticas minoritárias que apresentam uma atitude negativa em relação a sua própria língua, e isso acontece geralmente quando essa variedade não lhe possibilita uma ascensão social.

Para que se possa compreender melhor a possibilidade de se ter uma atitude negativa em relação a uma língua ou variedade linguística deve-se estabelecer uma distinção entre algumas características: assim como um indivíduo pode ser visto de modo diferente como profissional, como amigo, como padre ou como vizinho, as línguas podem ser estimadas por razões diferentes, razões que geralmente são sociais, objetivas ou afetivas. A atitude apresenta certa multiplicidade e isso explica bem sua capacidade de influências em diversas situações como, por exemplo: a forma como um professor trata seu aluno; como os profissionais entrevistam os candidatos a um posto de trabalho; e os empregados de uma empresa tratam seus clientes.

Uma base que se assenta a atitude linguística é a consciência sociolinguística, pois os indivíduos forjam atitudes porque têm consciência de uma série de atos sociolinguísticos que os

afetam. Os falantes sabem que sua comunidade prefere um uso linguístico a outro; que certos usos são próprios de certos grupos e não de outros, portanto tem a possibilidade de eleger o que considera mais adequada às circunstâncias e a seus interesses.

A consciência linguística é um fenômeno intimamente ligado à questão da variedade linguística, sobretudo nas comunidades e nos lugares onde se tem mais de um dialeto. Por conseguinte, em relação à atitude, uma das consequências diretas da consciência sociolinguísticas é a o fato da segurança e insegurança linguística, isto é, a “relação que existe entre o que um falante considera correto, adequado ou de prestígio e seu próprio uso”. (FERNÁNDEZ, 1998, p. 182)

Parece certo que la relación entre estrato sociocultural e consciência linguística es muy estrecha y que, a medida que se baja en el espectro social, disminuye el grado de capacidad distintiva de los socialectos de la comunidad. Si, efectivamente, consciência linguística y estratificación social son de alguna forma paralelas, habrá que saber caules la fenomenologia que da pie a las distinciones. (FERNÁNDEZ, 1998, p. 182)

Fala-se de segurança linguística, segundo Fernández (1998), quando o que um falante considera correto e adequado coincide com os usos espontâneos do mesmo falante; por outro lado, a insegurança linguística surge quando tal coincidência diminui ou desaparece. Esta capacidade de escolha que possui um falante deriva da consciência linguística. Tal escolha se torna decisiva para explicar os fenômenos de variação e mudanças linguísticas, assim como a escolha de uma língua em comunidades multilíngue.

4 CAMINHOS DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa somam 35 alunos de uma licenciatura para a formação de professores indígena, embora o número total de alunos seja 43. Desses 43 estudantes, 08 são oriundos da Terra Indígena Mundurukú do estado do Pará, falantes nativos da língua. Essa interação com os alunos do Pará visa ajudar no aprendizado dos alunos do Amazonas em relação à língua mundurukú. Para este estudo considerou-se somente as entrevistas feitas com os alunos do Kwatá-Laranjal.

O objetivo era apreender as opiniões, anseios, frustrações e perspectivas dos sujeitos entrevistados (GIL, 1989). Daí as entrevistas terem sido feitas individualmente e em lugar reservado, onde somente entrevistador e entrevistado estavam presentes, deixando os entrevistados mais à vontade e, conseqüentemente, dando respostas mais espontâneas. As falas permitem uma interpretação clara e concreta de tudo o que envolve o objeto deste estudo. É nesse momento que se procura entender sentimentos, angústias, expectativas, desejos e frustrações sobre a língua que foi, sistematicamente, relegada ao esquecimento.

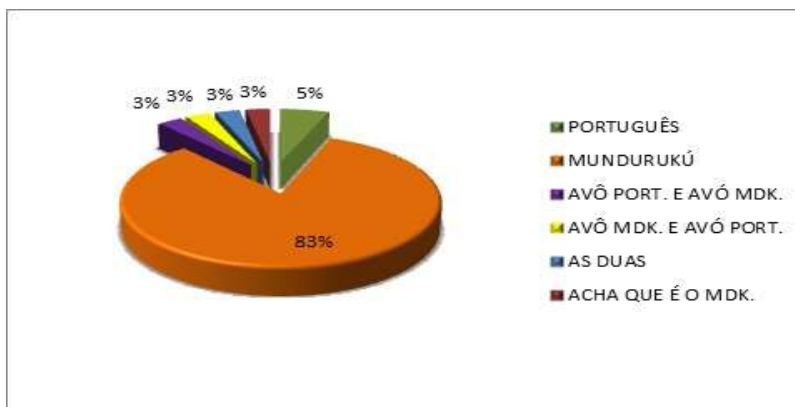
A estratégia adotada para evitar que o produto das entrevistas fosse negligenciado foi a utilização de gravações em áudio e transcrições posteriores das falas dos colaboradores. Todos os procedimentos ocorrem respeitando o princípio básico da pesquisa científica que é a responsabilidade ética (SCHELEMMER, 1992). No decorrer do trabalho de pesquisa, por livre iniciativa do pesquisador, todos assinaram um termo de autorização das informações cedidas pelos colaboradores, para que estas fossem utilizadas em trabalhos científicos, sem fins comerciais, mas mantendo-se preservada a identidade dos colaboradores, daí porque todos são aqui identificados apenas pelas iniciais de seus nomes.

5 ALGUNS RESULTADOS DA PESQUISA

Este trabalho analisa as atitudes linguísticas dos indivíduos da comunidade indígena Mundurukú do Kwatá-Laranjal do estado do Amazonas, considerando o interesse de uso da língua a partir das três últimas gerações dos colaboradores desta pesquisa. Segundo Moreno Fernández (1998, p. 179), a atitude é uma manifestação social dos indivíduos distinguida por centrar-se, especialmente, tanto na língua, como no uso que se faz dela em sociedade. O estudo sociolinguístico da atitude pode proporcionar explicações sobre o futuro linguístico da comunidade indígena mundurukú, ou seja, se apenas o português continua como língua de comunicação e o mundurukú sucumbe; se a comunidade se torna bilíngue falando o português e o mundurukú; ou, se o mundurukú se revitalize, tornando-se a única língua falada pela comunidade.

A análise das perguntas foi feita considerando a cronologia das gerações no uso da língua nativa da comunidade de pesquisa. A análise focou perguntas relacionadas à língua que os colaboradores, seus pais e avós aprenderam quando criança. Assim, foi perguntado aos 35 colaboradores que língua seus avós haviam aprendido quando criança e 29 disseram que seus avós teriam aprendido a língua mundurukú; dois disseram o português (“*Também o português eles não falavam mundurukú*”); um declarou que apenas seu avô havia aprendido o mundurukú, pois sua avó não era indígena; outro disse que sua avó aprendeu o mundurukú (“*meu avô era branco, minha vó era... ela fala mundurukú mesmo*”); mais um colaborador disse que seus avós haviam aprendido as duas (“*mundurukú, falava as duas línguas*”); e, por fim, um disse que achava que seus avós haviam aprendido o mundurukú.

GRÁFICO 1 – Que língua os colaboradores, seus pais e avós aprenderam quando criança?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dentre o total, 6% declararam que seu avô e outro, sua avó, havia aprendido a língua mundurukú, pois apenas eles eram indígenas. Nesta geração, já se encontra, nos depoimentos dos colaboradores, avós que aprenderam a língua portuguesa, representando 5%. Esse indicativo percentual mostra que já há uso do português nesta comunidade, embora ainda seja grande o percentual (83%) de colaboradores que declararam que seus avós haviam aprendido a língua mundurukú. Assim, embora a maioria dos entrevistados tenha declarado que seus avós aprenderam quando criança a língua mundurukú, também já se têm colaboradores informando que seus avós haviam aprendido o português.

Em relatos de idosos publicados na obra “KWATÁ-LARANJAL, História e Reconquista da Terra” (BELEZA, 2002, p.38) encontram-se explicações significativas do modo como a língua portuguesa adentra a comunidade fazendo com que mundurukú comece a perder força cultural, ou seja, o português começa a fazer parte da escolha de indivíduos para aprender.

Naquela época o padre era o professor dos índios. Forem eles que ensinaram o português para os índios. Minha mãe falava, dizia dona Antônia, ainda me lembro bem, pra gente ter cuidado. Ela dizia que um dia os brancos iam chegar na aldeia e que iam nos ensinar a falar o português e a gente ia perder a linguagem. Quando isso acontecesse, a gente ia perder a cultura. Os filhos não iam mais respeitar os pais, os pais não iam mais respeitar os filhos, ninguém ia mais obedecer, tudo ia se acabar. É assim mesmo que tá acontecendo nos dias de hoje. Agora meu filho, diz dona Antônia, se referindo ao seu filho que estava na sala de aula (seu Agapito, 63 anos, que naquela época era vice-capitão da aldeia Kwatá), está preocupado com a linguagem. Quer aprender a falar a linguagem de novo. Mas quando eu chama a atenção quando ele era pequeno, não queria me obedecer não. Não queria aprender a falar a linguagem, tinha vergonha. Agora taí.

A atitude linguística é conceituada como uma manifestação de preferência e uma convenção social acerca do status de prestígio do falante em relação a sua língua. O uso da língua portuguesa é iniciado na geração dos avós dos colaboradores da comunidade indígena mundurukú, e este fato são evidenciados nas informações do gráfico acima, embora com um percentual pequeno. Nesse sentido, são os grupos sociais de maior prestígio e mais poderosos economicamente que determinam o padrão da atitude linguística das comunidades de fala. Desse modo, a língua portuguesa assume este papel, pois ela apresenta estas características de estratos sociais mais elevados, e, por outro lado, a língua mundurukú se apresenta com o contrário. Por conta disso, a atitude é geralmente positiva se os falantes tiverem maior prestígio e posição social elevada ou se a língua apresentar essas características. O português exerceu uma pressão social sobre a língua mundurukú e tal pressão continuou sendo exercida nas gerações seguintes a dos avós. Tal poder criou uma atitude negativa dos indivíduos da comunidade indígena do Kwatá-Laranjal com a sua própria língua de herança e fez com que a língua de menor prestígio fosse sendo substituída pela de maior.

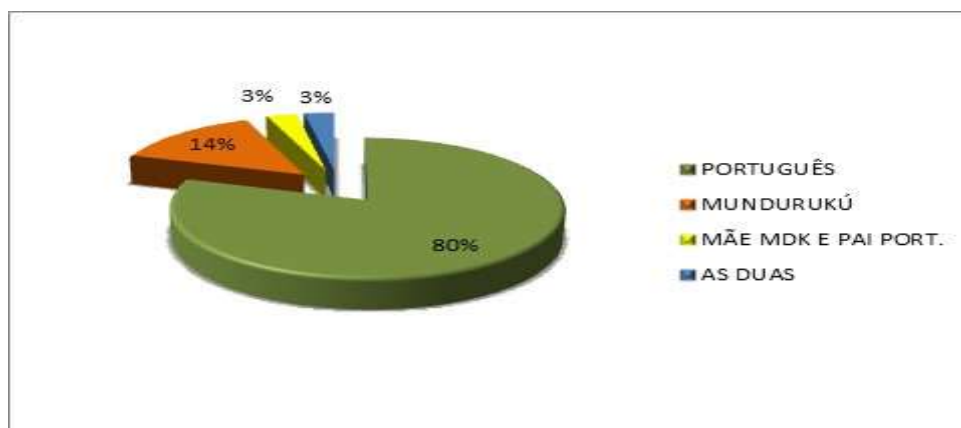
Observa-se, de acordo com o relato de dona Antônia, que desde muito tempo, já começava a aparecer certa resistência em aprender a língua nativa, o mundurukú. Isto parece mostrar uma atitude negativa, ou de não aceitação na aprendizagem da língua mundurukú, ou seja, a geração dos avós dos colaboradores demonstra atitude negativa, o que parece denotar a falta de prestígio da língua minoritária perante a língua portuguesa.

*“Mas quando eu chamava a atenção quando ele era pequeno, não queria me obedecer não. Não queria aprender a falar a linguagem, tinha vergonha. Agora táí”.*²

No gráfico abaixo, que demonstra a porcentagem de colaboradores que responderam qual língua seus pais haviam aprendido quando criança, pode-se ter uma noção mais exata dessa gradativa mudança de uso da língua mundurukú para o português. A língua mundurukú era a língua de comunicação e de identidade da comunidade indígena mundurukú do Kwatá na geração dos avós dos colaboradores, embora já se tenha um índice pequeno de indivíduos que estavam aprendendo o português, segundo relato dos colaboradores e das informações da obra “KWATÁ-LARANJAL, História e Reconquista da Terra” (2002). Por outro lado, a situação muda significativamente quando passamos a analisar a geração dos pais dos colaboradores. Observe o gráfico abaixo.

GRÁFICO 2 – Escutava seus pais falarem com seus avós em língua mundurukú?

² Trecho da declaração de D. Antônia na obra “KWATÁ-LARANJAL, História e Reconquista da Terra” (2002)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando foi perguntado aos colaboradores que língua seus pais haviam aprendido quando criança, 28 disseram que seus pais haviam aprendido o português quando criança; 5, a língua mundurukú. Contudo, outros tipos de respostas apareceram como: minha mãe aprendeu o mundurukú e meu pai o português, tendo um colaborador afirmado isto; e, meus pais aprenderam as duas línguas, tendo um colaborador também. Convertendo este quantitativo em percentual temos respectivamente: 80% declarando que seus pais haviam aprendido o português; 14%, a língua mundurukú; 3% disse que a mãe aprendeu o mundurukú e o pai o português; e, por fim, 3% as duas.

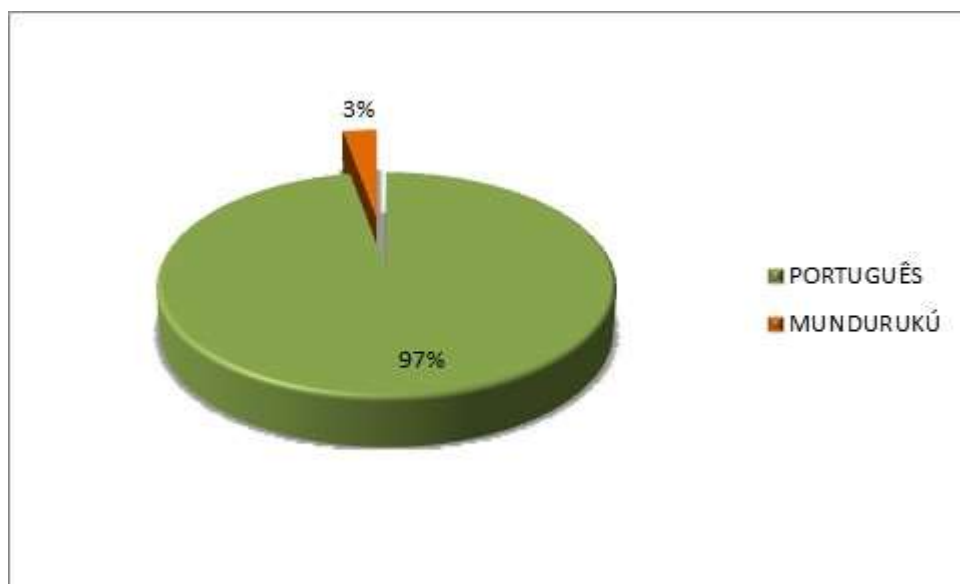
- (1) *“a língua portuguesa também. meu pai tentou aprender um pouco de língua mundurukú, né”.*
- (2) *“é porque os pais deles eram umas das pessoas que viveram antigamente, né. o pai do meu pai ele foi um dos tiradores de cabeça que eles falam. meu pai usava um pouco do mundurukú, e minha mãe também usava”.*
- (3) *“quando criança meu pai aprendeu o português também bem pouco o mundurucu também né?... que já não existia aprendeu bem pouco”.*
- (4) *“português”*
- (5) *“minha mãe falava um pouco mundurukú, mas meu pai fala português mesmo”.*

A maioria das respostas dos colaboradores eram bastante diretas e curtas, como no exemplo (5). A palavra *também*, neste contexto funciona como um elemento anafórico da resposta anterior que na sequência das perguntas do questionário seria “que língua os colaboradores haviam aprendido quando criança?”. Quando respondiam que haviam aprendido o português, automaticamente, na resposta da pergunta subsequente, utilizavam tal palavra se a resposta fosse a mesma da anterior. Poucos colaboradores explicavam suas respostas e isso acontecia geralmente em perguntas que exigia deles respostas simples como sim ou não. Porém, na resposta do exemplo (4),

o informante faz uma pequena explicação de o porquê seu pai ter aprendido, quando criança, a língua mundurukú e ressalta porque na geração dos pais dos colaboradores a comunidade já não usava mais o português como língua de comunicação.

Esse panorama de simetria linguística é bastante evidenciado nas informações da segunda geração dadas pelos colaboradores sobre a primeira língua aprendida e isso se confirma observando os dados do gráfico abaixo referente às informações quantitativas das respostas sobre que língua os colaboradores haviam aprendido quando criança.

GRÁFICO 3 – Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando os colaboradores foram perguntados sobre que língua havia aprendido quando criança, 34 colaboradores responderam que haviam aprendido o português, e apenas um disse ter aprendido a língua mundurukú. Transformando este quantitativo em percentual temos 97% dos que afirmaram ter aprendido o português quando criança e 3% disseram ter aprendido o mundurukú. Em depoimento, um informante ratifica a estatística acima:

- (6) *A primeira língua que eu aprendi quando criança foi o português.*
- (7) *Quando eu nasci meus pais já falavam o português. Só falo o português.*
- (8) *A primeira língua que eu aprendi foi o português né? Já quando a gente começou entendi a língua mundurucu já não... Existia, mas bem pouco a gente aprendeu logo o português.*
- (9) *Quando eu era pequeno eu sempre via meus avós falar o português né, já o português... Porque eles foram proibidos de não falar a língua. eu já me criei escurando o português né, só o português*

(10) *A primeira língua mesmo, eu falava mundurukú. Só quando passei a falar o português, eu tinha raiva do meu avô que falava comigo eu mordida ele é que eu não queria aprender mais aquilo ai pra mim, as vezes eu fico lembrando quando eu estou ai fico lembrando o aquilo era pra mim ter aprendido lá e hoje faz falta pra mim*

(11) *Português, porque quando eu nasci meus pais já falavam português.*

A diferença daqueles que aprenderam o português para os que aprenderam o mundurukú é muito grande e é produto de aspectos históricos. Houve uma mudança brusca ocorrida nas gerações anteriores, em que o número de indivíduos que já haviam aprendido o português na geração dos pais dos colaboradores era maior dos que haviam aprendido o mundurukú. Este fato se confirma na geração dos colaboradores, onde há a predominância total dos que aprenderam o português ao invés do mundurukú. Apesar do domínio majoritário do português à língua de herança, os colaboradores parecem ter consciência da importância de reaver a língua mundurukú como elemento de sua identidade.

O sentimento de resgate se mistura com o componente afetivo da atitude linguística, pois é evidente nos depoimentos das entrevistas o desejo de aprender a língua mundurukú. A ideia é que mesmo que os colaboradores tenham declarado que aprenderam apenas o português, quando crianças querem aprender o português.

O gráfico acima parece mostrar uma inversão de uso linguístico, ou seja, a substituição do mundurukú pelo português. Dentro de estudos sobre comportamentos sociais pode-se afirmar que a atitude de apreço tomada pela comunidade do Kwatá-Laranjal sobre a língua portuguesa, elegendo-a como a língua de comunicação diária, e por outro lado, desenvolvendo sentimento de rejeição em relação à língua mundurukú pode ter determinado a mudança linguística que ocorreu dentro desta comunidade. Aí, nesse sentido, ver-se a presença de juízos de valores agregados aos sentimentos do falante quanto sua língua. Gómez Molina, 1998 (*apud* AGUILERA, 2008, p. 106). Segundo a autora (*op. cit.*) “o componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a quem pertence...”

6 ÚLTIMAS PALAVRAS

O trabalho de observação sobre a preferência de uso que a comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal-Am possui sobre a língua portuguesa e a língua de mesmo nome representa o entendimento dos mecanismos que estão presentes na formação das crenças e das atitudes

linguística desta comunidade. O fato é que esta comunidade indígena, ao longo de três gerações inteiras, deixou de usar a língua mundurukú, que é parte integrante da cultura, para fazer uso de uma língua que apresenta maior grau de prestígio socioeconômico.

Assim, este artigo definiu como recorte para o fenômeno da atitude linguística, proposta pelos psicólogos da linguagem, o elemento diacrônico, ou seja, o percurso cronológico da língua mundurukú a partir das gerações dos avós, pais e dos colaboradores da pesquisa. Juntamente com a observação da atitude sobre a língua mundurukú, também foi observado o papel da língua portuguesa para a contribuição da mudança de escolha linguística desta comunidade. A manifestação de preferência no uso da língua portuguesa começa na geração dos avós dos colaboradores da pesquisa e se intensifica nas gerações seguintes, foi o que comprovou a pesquisa organizada neste artigo.

Por conseguinte, a hipótese deste trabalho foi entender, a partir das três últimas gerações da comunidade do Kwatá-Laranjal, o que aconteceu com a língua mundurukú para não ser mais usada por esta comunidade; e por que o português se tornou a única língua de comunicação. Este artigo não pretendia explicar todas as causas que levaram a comunidade indígena do Kwatá-Laranjal a deixar de falar a língua mundurukú para apenas usar a língua portuguesa, elegendo-a atualmente como língua materna para muitos, mas descrever fatos que motivaram esta mudança a partir da atitude linguística que a comunidade começou a assumir desde a geração dos avós.

Assim uma base onde se assenta a atitude linguística é a consciência sociolinguística, pois os indivíduos forjam atitudes porque têm consciência de uma série de atos sociolinguísticos que os afetam (FERNÁNDEZ, 1998. p. 182). Os falantes sabem que sua comunidade prefere um uso linguístico a outro; que certos usos são próprios de certos grupos e não de outros, portanto têm a possibilidade de eleger o que considera mais adequada às circunstâncias e a seus interesses. Portanto, consciência linguística é um fenômeno intimamente ligado à questão da variedade linguística, sobretudo nas comunidades e nos lugares onde se tem mais de um dialeto.

Então, entender as preferências de uso que uma comunidade possui da língua é, de fato, compreender as crenças e as atitudes que determinam o que se faz ou se quer fazer da língua. O que a comunidade indígena do Kwatá-Laranjal quis em relação ao uso linguístico foi determinada pela preferência que os integrantes deste grupo tiveram com a língua portuguesa, ou seja, uma atitude positiva em relação à língua portuguesa brotou desde a geração dos avós dos informantes e aumentou significativamente na geração dos pais e se confirmou na geração dos colaboradores deste trabalho. Na contra mão deste processo, a língua mundurukú recebeu certa rejeição quanto à sua aprendizagem, ou seja, a comunidade apresentou, durante as três últimas gerações, atitude negativa, o que certamente determinou seu estado atual de extinção.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.** São Paulo: Revista ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, v. 37, n. 2: 105-112, maio-ago. 2008

BELEZA, Adalberto Rodrigues et all. **KWATA-LARANJAL, história e reconquista da terra.** Manaus: SEDUC-AM, 2002.

BORELLA, Cristina de Cássia & SANTOS, Eneida Alice. Gonzaga. *Relatório do Levantamento Sociolinguístico na Terra Indígena Kwatá-Laranjal.* Manaus: UFAM, 2011.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística, uma introdução crítica.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios da sociolingüística y sociologia del language.** Editoreal Ariel S.A.: Barcelona. 1998, p 180.

MARTINES, George Vergés. **Aspectos semânticos dos nomes classificados em Munduruku.** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) São Paulo: USP. 2007.

MENDES, Djalma Gomes Júnior. **Comparação Fonológica do Kuruáya com o Mundurukú,** 2007. 66 f. Dissertação de Mestrado (Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - Universidade de Brasília) Brasília: Instituto de Letras (Unb), 2007.

MOORE, D. Brazil: *Language Situation.* In: BROWN, K. (org. geral). **Encyclopedia of language and linguistics.** 2.ed. Oxford: Elsevier, 2006. v. 2. p. 117-128.

MOORE, Dennis Albert; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JÚNIOR, Nílson. **Desafio de documentar e preservar línguas.** Scientific american Brasil. (s.d.) p. 37. Disponível em: <http://saturno.museu-goeldi.br/lingmpep/portal/downloads/publicacoes/desafio-de-documentar-e-preservar-moore-galucio-gabas.pdf>. Acessado em: 26 de setembro de 2013.

PICANÇO, Gessiane. **Language Planning for “Mundurukú do Amazonas”.** Belo Horizonte : RBLA, v. 12, n. 2, p. 405-423, 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA.** Cadernos do CNLF, Vol. XVI, nº 04, t. 1 – Anais do CNLF, 2008.

SCHLEMMER, B. **A ética da profissão: da responsabilidade política do cientista à responsabilidade científica do pesquisador – um itinerário da antropologia francesa.** In: ARANTES, Antonio Augusto; RUBEN, Guilherme Raul; DEBERT, Guta Grin. (Org.). *Desenvolvimento e direitos humanos: a responsabilidade do antropólogo.* Campinas, SP: UNICAMP, 1992. p. 137 - 153.

